



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O Papel Moderador do Suporte Parental e Social no Efeito do *Bullying*
Homofóbico nas Consequências Psicológicas para os Jovens

Ana Raquel Bernardino Mota de Jesus António

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:
Doutor Carla Moleiro, Professora Auxiliar,
ISCTE-IUL

Junho, 2011

Dedico este trabalho

Ao meu **tio Jorge**, *longe* mas sempre presente e orgulhoso da tua “doutora”.

Ao **Luís**, por ti e para ti. Porque sem ti nada teria feito tanto sentido.

Agradecimentos

É inevitável realçar os nomes das pessoas que, de diversas formas, me ajudaram a finalizar esta etapa tão importante.

Em primeiro lugar, aos meus **pais, irmãos e sobrinhos**, os meus pilares principais, que me apoiaram e incentivaram ao longo de todo o percurso.

À Professora Doutora **Carla Moleiro**, minha Orientadora, pelo apoio, dedicação e incentivo constantes. Agradeço igualmente a disponibilidade e prontidão com que me acompanhou e ajudou a ultrapassar barreiras que eventualmente se cruzaram no caminho.

À Dra. **Ana Chhaganlal**, pela forma como me recebeu e acompanhou durante o estágio curricular, outra etapa fundamental e que me impulsionou bastante.

À Dra. **Sara Martinho**, pela ajuda no que diz respeito à divulgação e distribuição dos questionários para a presente dissertação.

À **Andreia Pinto**, foi essencial e mais que ninguém seguiu passo-a-passo, não só o desenrolar da minha tese, como acompanhou todos os cinco anos de ISCTE. Obrigada pelo carinho e dedicação, que às vezes mesmo distante, consegues fazer sentir.

Agradeço ainda a outros colegas e amigos, que merecem um realce especial – **Cátia Barros, Susana Madruga, Tiago Pinto, Catarina Pereira, Tiago Gonçalves, Miriam Silva, Joana Cruz, Maria Meneses, Inês Cara-Linda, Liliana Maria, Joana Pires**. Por último, e não menos importante, à **Dora Matias**, obrigada por me incentivares a não baixar os braços e acreditares continuamente no meu trabalho.

Um sincero Obrigada a todos e todas!

Resumo

A temática de violência escolar tem vindo a receber uma maior atenção na área da investigação, sendo que este fenómeno engloba um vasto conjunto de comportamentos, entre os quais, o *bullying*. A prática do *bullying* abrange diversas formas de expressão, sendo uma delas a homofobia. O objectivo deste estudo foi explorar o fenómeno do *bullying* homofóbico em Portugal, relativamente às formas de agressão, prevalência e consequências, bem como verificar se a percepção de suporte parental e suporte social moderam os níveis das consequências em vítimas de *bullying* homofóbico. Para tal, foi elaborado um questionário *online*, preenchido por 211 estudantes (12-20 anos) de Portugal continental. Os resultados permitiram concluir que, à semelhança dos resultados internacionais, prevalece a violência psicológica, os rapazes são mais frequentemente vítimas e as situações ocorrem com maior frequência dentro do recinto escolar. Apesar de estas situações serem presenciadas, na maioria dos casos ninguém intervém, registando-se uma elevada percentagem de comportamentos que desvalorizam a agressão. Constatou-se ainda que o nível de consequências emocionais nas vítimas de *bullying* homofóbico é superior quando o suporte social é baixo; e que quando o nível de suporte parental é baixo, o nível de consequências emocionais e comportamentais é mais elevado. Um efeito moderador semelhante foi encontrado para o item que avaliou ideação suicida. Neste sentido, defende-se a importância de conceber programas de sensibilização e medidas de protecção para as vítimas de *bullying* homofóbico.

Palavras-chave: *bullying*, homofobia, orientação sexual, suporte parental, suporte social.

Códigos PsycINFO

2980 Sexual Behavior & Sexual Orientation

2840 Psychosocial & Personality Development

Abstract

The issues regarding school violence have been gathering attention in research, and this phenomenon covers a wide range of behaviors, including bullying. Bullying includes various forms of expression, among which is homophobia. The aim of this study was to explore the phenomenon of homophobic bullying in Portugal, concerning its forms of aggression, prevalence and consequences, and to verify if parental support and social support moderated the levels of consequences for victims of homophobic bullying. For this purpose, an online questionnaire was developed and completed by 211 students (12 to 20 years) from mainland Portugal. Similar to international studies, the results showed that levels of psychological violence prevail, that boys are more often victims than girls and that situations occur more frequently within the school grounds. Although these situations are witnessed, in most cases no one intervenes, registering a high percentage of behaviors that devalue aggression. It was further observed that the level of emotional impact on victims of homophobic bullying is higher when social support is low, and that when the level of parental support is low, the level of emotional and behavioral consequences is higher. A similar moderation pattern was found for the variable that assessed suicidal ideation. In this sense, it is argued that it is important to develop awareness programs and protective measures for homophobic bullying victims.

Keywords: bullying, homophobia, sexual orientation, parental support, social support.

PsycINFO Classification Categories:

2980 Sexual Behavior & Sexual Orientation

2840 Psychosocial & Personality Development

Índice Geral

	Página
Resumo	i
Abstract	ii
1. Introdução	1
2. Revisão de Literatura	2
<i>Bullying</i>	2
Prevalência do <i>Bullying</i>	3
Consequências do <i>Bullying</i>	4
<i>Bullying</i> Homofóbico.....	5
Prevalência do <i>Bullying</i> Homofóbico.....	7
Consequências do <i>Bullying</i> Homofóbico.....	8
Objectivos do presente estudo	11
3. Método	12
Participantes.....	12
Instrumentos	13
Procedimento	15
4. Resultados	16
5. Discussão	29
6. Referências	33
7. Anexos	39

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Características demográficas dos participantes	12
Tabela 2 - Análise por Componentes Principais (ACP) referente às formas de <i>bullying</i> homofóbico	18
Tabela 3 - Diferenças de médias dos tipos de <i>bullying</i> homofóbico para rapazes e raparigas	19
Tabela 4 - Médias de cada item da sub-escala de vítimas e da sub-escala de agressores	20
Tabela 5 - Diferenças de médias das consequências para vítimas e não-vítimas de <i>bullying</i> homofóbico	22
Tabela 6 - Diferenças de médias das consequências emocionais, escolares, comportamentais e de uso de substâncias para vítimas de <i>bullying</i> homofóbico, tendo em conta o Suporte Social e Suporte Parental	26
Tabela 7 - Diferenças de médias das respostas à variável “Pensaste em magoar-te” para vítimas de <i>bullying</i> homofóbico, tendo em conta o Suporte Social e Suporte Parental	28

Índice de Figuras

Figura 1 - Efeito moderador do Suporte Social no efeito da vitimização nas consequências emocionais	24
Figura 2 - Efeito moderador do Suporte Social no efeito da vitimização na consequência “Pensaste em magoar-te”	27

1. Introdução

A presente dissertação de mestrado insere-se na temática do *bullying* homofóbico e no papel dos suportes parental e social nos efeitos deste fenómeno nas consequências psicológicas dos jovens portugueses. Neste sentido, pretende-se caracterizar e descrever o *bullying* homofóbico, no seio do contexto e padrão cultural português, comparando-o com o *bullying* no seu âmbito mais genérico. Serão analisadas as características, prevalência e consequências dos dois tipos de *bullying* no contexto internacional e português, aprofundando-se, através deste trabalho, os dados relativos ao *bullying* homofóbico. É também objectivo do estudo perceber se existem diferenças quanto ao sexo e orientação sexual dos participantes na incidência do fenómeno.

Desta forma, é apresentada a metodologia utilizada na investigação, através da descrição da amostra recolhida, dos instrumentos utilizados bem como do procedimento de recolha de dados. Posteriormente, vão ser analisados os dados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e apresentados os resultados.

Por último, depois de apresentados os resultados, será feita uma discussão dos mesmos, tendo em conta a literatura e resultados obtidos neste estudo e em estudos similares.

2. Revisão da Literatura

Nos últimos anos, a temática de violência nas escolas tem vindo a receber uma maior atenção na área da investigação e dos *media*. Este fenómeno engloba um vasto conjunto de comportamentos, tais como, agressão, intimidação, roubo, vandalismo e *bullying*. A ocorrência destes comportamentos pode ter lugar dentro ou fora das escolas, e entre as diferentes díades (e.g. aluno-aluno, professor-aluno, aluno-professor). Podem ser também envolvidos nestas situações, como vítimas ou agressores, pessoal escolar, ex-alunos e outras pessoas que não pertencem à escola (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009). Assim, vários estudos debruçaram-se sobre a violência no contexto escolar, alguns dos mesmos sobre o fenómeno do *bullying* (e.g. Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Seixas, 2005; Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

Bullying

Segundo Olweus (1993), o *bullying* é um comportamento que ocorre repetidamente e ao longo do tempo, numa relação caracterizada por desequilíbrio de poder e/ou força, na qual o indivíduo é exposto frequentemente a acções negativas por parte de uma ou mais pessoas. O autor caracteriza acções negativas como formas intencionais de causar danos ou desconforto a outros, que remetem para um comportamento agressivo. Os danos causados por estas acções surgem tanto a nível verbal (e. g. ameaças, insultos, provocações ou “chamar nomes”), como a nível físico (e. g. bater, empurrar, pontapear ou beliscar outro indivíduo). Podem existir, também, acções negativas sem o recurso a palavras ou contacto físico, por meio de expressões faciais ou gestos, dirigidos intencionalmente e como forma de exclusão de alguém de um grupo, ou recusando satisfazer os desejos de alguém – “*repeatedly and overtime*” (Olweus, 1993, p. 9).

Olweus (1993) apresentou uma distinção entre *bullying* “directo”, que envolve um ataque manifesto a uma vítima e *bullying* “indirecto”, que está relacionado com o isolamento social e exclusão de um grupo. Green (2008) afirma que estes dois tipos de *bullying* podem ocorrer no intervalo, na hora de almoço, antes ou depois da escola, tendo sempre uma ou mais vítimas e um ou mais agressores (*bullies*). Olweus (1993) distinguiu também a vítima e o *bully*. Por um lado, as vítimas são mais ansiosas e inseguras que os estudantes em geral. A sua forma mais frequente de reagir às agressões é através do choro e são indivíduos mais cautelosos, sensíveis e calmos. Sofrem de baixa auto-estima, têm uma imagem negativa deles próprios, da sua situação, vêem-se como um fracasso e, por norma, não têm um único amigo. Por outro lado,

os *bullies* têm uma atitude mais positiva em relação à violência, são mais impulsivos e possuem uma forte necessidade de dominar os outros. Têm, por norma, uma visão positiva sobre si e, no caso dos rapazes, são mais fortes fisicamente que os outros rapazes. Rigby e Slee (1993) sublinham que os *bullies*, apesar de serem também pessoas ansiosas, nas escolas dão “dores de cabeça”, muitas vezes são pessoas populares e possivelmente com comportamentos anti-sociais ou não cooperativos. Carvalhosa, Lima e Matos (2001) referem que tanto as vítimas como os agressores relacionam-se pior com os pais e os pares, comparativamente com os jovens não envolvidos em situações de *bullying*, e apresentam maiores sintomas de depressão, sintomas físicos e psicológicos. Por sua vez, os agressores são mais consumidores de álcool, tabaco e drogas do que as vítimas e os jovens não envolvidos. No mesmo estudo, as autoras identificaram e caracterizaram o papel das vítimas provocativas, ou seja, os alunos que desempenham os dois papéis, de vítimas e provocadores. Os factores de risco são visivelmente superiores para estes jovens, sendo maiores os níveis de violência fora do contexto escolar, os sintomas de depressão, os sintomas físicos e psicológicos e pior a atitude face à escola, comparativamente com os outros jovens envolvidos em situações de *bullying*.

Uma vez que o *bullying* resulta de um processo de grupo, Salmivalli et al. (1996) identificaram a existência de seis papéis participativos em situações de *bullying*, nomeadamente, vítima, *bully*, incentivador do *bully*, assistente do *bully*, defensor da vítima e *outsider*. Desta forma, participam em situações de *bullying* não só os *bullies* e as vítimas, mas também os indivíduos que desempenham papéis importantes no reforço do comportamento de *bullying* (os chamados “seguidores”: os assistentes do *bully* e incentivadores do *bully*) e na defesa da vítima (os defensores). Por último, os *outsiders* são os jovens que não estão directamente envolvidos no fenómeno (Gini, 2005).

Prevalência do Bullying

A grande maioria dos estudos indica que o *bullying* é mais frequente entre estudantes do 1º ciclo, onde a percentagem de vitimização se encontra entre 58 e 77 valores (e.g. Poteat & Espelage, 2005). Hoover e Oliver, em 1996, afirmaram que 80% dos estudantes já foi vítima de *bullying* na sua escola, pelo menos uma vez, nos Estados Unidos da América. Estudos feitos em Inglaterra referem que em 68% das escolas existem alunos que já foram alvos de alguma forma de *bullying* (Elliot & Kilpatrick, 1994, citados por O’Higgins – Norman, 2008). Genta et al. (1996, citados por Fekkes, Pijpers & Verloove-Vanhorick, 2005) verificaram que 46% dos jovens já foram vítimas de *bullying* e 23% agrediram outros jovens. Num estudo de

Nansel et al. (2001), nos Estados Unidos, averiguou-se que 29.9% dos participantes referiam já terem estado envolvidos em situações de *bullying*, 13% como *bullies*, 10.6% como vítimas e 6.3% como *bully*-vítimas.

Em Portugal, investigações com amostras representativas, em 1998, verificou-se que 42.5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos de idade relataram nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 10.2% afirmaram serem agressores, 21.4% referiram serem vítimas e 25.9% eram simultaneamente vítimas e agressores (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001). Por sua vez em 2004, constatou-se que 41.3% dos alunos nunca estiveram envolvidos em situações de *bullying*, 9.4% foram agressores, 22.1% foram vítimas e 27.2% foram vítimas e agressores (Carvalhosa, 2007). Registou-se um maior envolvimento dos rapazes nos comportamentos de *bullying* e um declínio destes comportamentos no final da adolescência para ambos os sexos (Formosinho, Taborda & Fonseca, 2008). Segundo Carvalhosa, Moleiro e Sales (2009), o local mais comum de ocorrência do *bullying* foi nos espaços de recreio (78%). As agressões físicas (e.g. bater) apresentaram-se como a forma mais comum de *bullying* nas escolas portuguesas do 1º ciclo, ainda que a partir do 2º ciclo se tenha registado uma maior prevalência das agressões verbais (e. g. chamar nomes) (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009) e do *cyberbullying* (Almeida et al, 2008). De acordo com a maioria dos estudos nesta área que exploraram as diferenças de sexo (e.g. Gonçalves & Matos, 2007), existem diferenças entre rapazes e raparigas no que concerne aos tipos de *bullying*, sendo que as raparigas foram mais frequentemente vítimas de *bullying* indirecto (e. g. boatos, piadas sexuais), ao contrário dos rapazes que foram alvos de uma forma mais directa de *bullying* (e. g. agressão física).

Consequências do Bullying

Recentemente, Solberg e Olweus (2003) confirmaram que a vitimização está associada a problemas de interiorização, como tendências depressivas, auto-avaliação negativa e desintegração social, enquanto os *bullies* se associam a problemas de exteriorização, como a agressividade e o comportamento anti-social. Desta forma, as investigações têm revelado que tanto os *bullies*, como as vítimas de *bullying*, podem sofrer repercussões significativas, a nível do bem-estar sócio emocional, de saúde ou de aprendizagem (Green, 2008).

Por norma, as vítimas de *bullying* apresentam baixos níveis de auto-estima e menores níveis de felicidade (Rigby & Slee, 1993). Craig (1998) afirma que as vítimas de *bullying* apresentam níveis de ansiedade mais elevados do que os agressores e do que as crianças que não são vítimas de *bullying*. No mesmo sentido, as vítimas de *bullying* apresentam uma maior

tendência para a depressão. Green (2008) realça que as vítimas de *bullying* têm uma maior tendência para manifestar dores de estômago, dores de cabeça e, em casos mais graves, apresentam uma maior tendência para a auto-mutilação e tentativas de suicídio. Por seu turno, os *bullies* apresentam uma maior prevalência de comportamentos anti-sociais e agressivos fora do contexto escolar, um maior consumo de substâncias, como álcool e drogas, elevados níveis de ansiedade, impulsividade, auto-imagem positiva e necessidade de dominar os outros, queixas físicas e psicológicas e problemas escolares (Olweus, 1993; Rigby & Slee, 1993; Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Solberg & Olweus, 2003).

Por sua vez, estudos mostraram que comportamento agressivo e *bullying* na escola são preditores de posterior adesão a gangues (Holmes & Brandenburg Ayres, 1998, citados por Perren & Hornung, 2005) e de criminalidade na idade adulta (Hämäläinen & Pulkkinen, 1995, citados por Perren & Hornung, 2005). Experiências de vitimização podem ser igualmente precursoras de futuro envolvimento em crimes violentos. Browne e Falshaw (1998) identificam experiências de vitimização, entre as quais, o *bullying*, como potenciais razões para as fugas de casa por parte das crianças/adolescentes, o que por sua vez pode aumentar a possibilidade de vitimização e comportamento criminoso.

Outro dos factores de risco para comportamentos anti-sociais e vitimização está relacionado com relações familiares negativas. De acordo com Perry, Hodges e Egan (2001, citados por Perren & Hornung, 2005), uma vinculação insegura ou um estilo parental super-protector, podem ser factores de risco para a vitimização. Neste sentido, o *bullying* pode estar associado a disciplina física por parte dos pais, bem como a pouca supervisão adulta (Espelage, Bosworth, & Simon, 2000) e a famílias disfuncionais (Rigby, 1994). Ao contrário das crianças que não se envolvem em situações de *bullying*, tanto os *bullies*, como os *bully-vítimas* e as vítimas referem um funcionamento familiar negativo (Stevens, De Bourdeaudhuij & Van Oost, 2002), sendo que são as famílias das *bully-vítimas* que parecem mostrar uma parentalidade mais disfuncional (Bowers, Smith, & Binney, 1994; Smith & Myron Wilson, 1998, citados por Perren & Hornung, 2005).

Desta forma, o envolvimento em situações de *bullying* está fortemente associado a indicadores negativos de saúde, nomeadamente, comportamento violento, depressão, ideação suicida, problemas de saúde física, pior qualidade de vida, delinquência, desajustamento escolar e psicossocial, bem como a problemas familiares e a perturbações psiquiátricas no início da vida adulta (Berlan et al., 2010).

Bullying homofóbico

Apesar da investigação sobre *bullying* e vitimização ter sofrido um aumento significativo nos últimos anos, verifica-se que a sua relação com outras áreas, como a homofobia, tem sido pouco estudada (Poteat & Espelage, 2005). De facto, a prática do *bullying* abrange diversas idades, rapazes e raparigas, e várias formas de expressão, sendo uma delas a homofobia.

A homofobia envolve crenças, atitudes, estereótipos e comportamentos negativos (e.g. irritar, ameaçar ou importunar) para com indivíduos homossexuais (Wright, Adams & Bernat, 1999). Conforme o Observatório de Educação LGBT (2008), “a homofobia caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem” (p. 17). Pode, para alguns, resultar do medo de eles próprios serem homossexuais ou de que os outros pensem que estes o são. O termo homofobia é utilizado como repulsa face às relações afectivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio relativamente aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito heterossexista e da discriminação anti-homossexual (OE LGBT, 2008). Deve salientar-se que a homofobia pode ser uma forma de exclusão social – “*For one of the main characteristics of the social exclusion of LGBT people is their invisibility and marginalisation*” (Takács, 2006, p. 21). Para a autora, a sexualidade é um modo de diferenciação social, a partir da qual os homossexuais constituem uma posição inferior/minoritária, que é regido por normas que privilegiam os heterossexuais. Sobressai o heterossexismo, desvaloriza-se a homossexualidade, o que provoca um maior azo à homofobia.

De acordo com Russell (2003), existe uma forte ligação entre uma orientação sexual minoritária e o suicídio. Os jovens das minorias sexuais têm maior probabilidade de cometerem suicídio, tentativas de suicídio e ideação suicida, sendo que jovens homossexuais têm duas a três vezes mais probabilidade de cometer suicídio que jovens heterossexuais (Russell, 2003; Berlan et al., 2010). Ritter e Terndrup (2002) referem que os pensamentos relacionados com tentativas de suicídio são comuns entre rapazes e raparigas, sobretudo quando está em causa a sua orientação sexual (cerca de 48%). Remafedi, Farrow e Deisher (1991, citados por Ritter & Terndrup, 2002) apontam que aproximadamente 30% dos jovens LGBT, entre os 17 e os 21 anos, já tentou o suicídio, sendo que 15% já o fez mais que uma vez. Russell (2003) salienta ainda que o período da adolescência reveste-se de particular ansiedade para os jovens homossexuais, uma vez que para além as dificuldades típicas deste período de desenvolvimento, têm de lidar em simultâneo com o estigma da homossexualidade, o que se traduz muitas vezes em mudanças profundas nas relações significativas desses adolescentes.

Neste sentido, torna-se evidente a relação entre *bullying* e homofobia, tendo em conta os elevados efeitos de vitimização de *bullying* homofóbico durante a adolescência (Espelage, Aragon & Birkett, 2008) e considerando que as experiências negativas reportadas por estudantes LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgénero) englobam, sobremaneira, o *bullying*, a longo termo e repetidamente (Takács, 2006).

Vários estudos debruçaram-se sobre a relação entre o conteúdo verbal homofóbico utilizado em situações de homofobia e situações de *bullying* (Poteat & Espelage, 2005). Os autores definem conteúdo verbal homofóbico como palavras que estigmatizam e denigram a linguagem referente à orientação sexual. De acordo com Adams et al. (2004), o *bullying* homofóbico é mais grave relativamente ao *bullying* em geral e menos credibilizado do que as outras formas de *bullying*, pelos professores.

É de salientar que o comportamento de *bullying* homofóbico pode ser expresso em relação quer a pessoas heterossexuais, quer a LGBT, ou seja, também existem estudantes heterossexuais que podem ser vítimas de homofobia, não pela sua orientação sexual, mas porque são percebidos como sendo diferentes das expectativas tradicionais do papel de género masculino ou feminino (Poteat & Espelage, 2005). Green (2008) dá um exemplo desta situação, um rapaz que goste de dançar e uma rapariga que goste de jogar futebol, podem ser alvos de *bullying* homofóbico não pela sua orientação sexual, mas pelas suas ocupações de papel de género não tradicionais. O *bullying* homofóbico é usado, de acordo com os autores, para policiar os comportamentos masculinos e femininos entre jovens.

A investigação existente sugere, assim, que a homofobia e o *bullying* homofóbico mostram ser uma consequência negativa dos estereótipos hegemónicos de papel de género (O'Higgins-Norman, 2008). Para o autor, o *bullying* homofóbico pode ser dividido em dois tipos, nomeadamente, o *bullying* subjacente ao carácter hetero-normativo do ambiente escolar, relacionado com as expectativas de papel de género, nomeadamente o policiamento dos comportamentos femininos e masculinos; e o *bullying* que tem por base a perseguição de pessoas LGBT propriamente dita.

Prevalência do Bullying Homofóbico

Relativamente à prevalência do *bullying* homofóbico, a nível internacional, os registos de vitimização também são bastante elevados, sendo que cerca de 92% dos indivíduos LGBT já foram vítimas de comentários homofóbicos, 84% afirma ter sido ofendido verbalmente e 83% sofrer insultos, ameaças, violência física e sexual (Poteat & Espelage, 2005). Segundo O'Higgins-Norman (2008), 45% dos gays e 20% das lésbicas, nos Estados Unidos da

América, já experienciou agressões físicas e verbais por parte de outros estudantes devido à sua orientação sexual e 53% já ouviu comentários homofóbicos por parte dos funcionários da escola. No Reino Unido, um estudo desenvolvido pela associação Stonewall com a participação de mais de 1100 adolescentes, demonstrou que 65% dos estudantes LGBT com menos de 18 anos já foram vítimas de *bullying* homofóbico directo, mais de 95% foram expostos a agressões verbais de teor homofóbico, 35% dos adolescentes LGBT afirmaram que não se sentem seguros nem aceites na sua escola e 62% das raparigas e 56% dos rapazes não relataram a situação de vitimização a ninguém (Stonewall, 2007). No mesmo estudo verificou-se que entre os estudantes vitimizados, 92% foram vítimas de *bullying* homofóbico verbal, 41% físico e 17% ameaças de morte.

Em Portugal, apesar da escassez de resultados relacionados com o *bullying* homofóbico, é possível revelar alguns indicadores. Tendo por base os resultados obtidos pela Associação *rede ex aequo*, através do Observatório de Educação LGBT (2008) onde participaram 92 pessoas, as faixas etárias com maior concentração de situações de homofobia em ambiente escolar registam-se entre o final da adolescência e o início da idade adulta, com 15% dos jovens com 18 anos e outros 15% com 20 anos. Estes dados e a maioria das queixas de vitimização homofóbica concentraram-se em grandes centros urbanos, nomeadamente, Lisboa, com 38% das queixas e o Porto, com 12%. Deve salientar-se que “*a maioria dos participantes do Observatório viveu na primeira pessoa ou presenciou diante de terceiros episódios de homofobia*” (OE LGBT, 2008, p. 7). Segundo o Observatório de Educação LGBT (2010), no qual participaram 103 pessoas, a maioria das queixas surgiram por parte de jovens entre os 16 e os 18 anos (37%), sendo que Lisboa perfaz 43% das queixas recebidas, seguindo-se Setúbal com 12% das queixas.

Consequências do Bullying Homofóbico

Face à elevada percentagem de vítimas de *bullying* em virtude da sua orientação sexual, a baixa auto-estima, isolamento, dificuldades de concentração, fobia à escola e tentativas de suicídio são alguns exemplos das consequências do *bullying* homofóbico (e. g. Harry, 1989; Hershberger & D’Augelli, 1995; Ritter & Terndrup, 2002; Russell, 2003; Adams et. al, 2004; Stonewall, 2007; Almeida et al., 2009; Berlan et al., 2010).

A longo prazo, Elliot e Kilpatrick (1994, citados por Adams et al., 2004) apontam como consequências os sentimentos de culpa, depressão e ansiedade, bem como receio de estabelecer relações interpessoais e timidez. Adicionalmente, os jovens LGBT vítimas de *bullying* homofóbico apresentam um maior risco de cometer tentativas de suicídio, bem como

maiores níveis de depressão e taxas de suicídio efectivo (Robertson & Monsen, 2001). Neste sentido, os efeitos deste tipo de *bullying* englobam um largo conjunto de aspectos, sobretudo, a perda de confiança, a diminuição da auto-estima, a redução do desempenho escolar e o aumento do abandono da escola (O'Higgins – Norman, 2008). Hersch (1991, citado por Ritter & Terndrup, 2002) realça esta ideia, afirmando que “*the despair of homosexual adolescents in a culture that teaches them to hate themselves is intense*” (p. 134).

As experiências de vitimização homofóbica podem originar, assim, problemas de saúde, como sintomas de stress pós-traumático, suicídio, ansiedade, depressão ou problemas com consumo de substâncias (D'Augelli, Pilkington & Hershberger, 2002). Por sua vez, o estudo *Growing Up Today* (GUTS, citado por Berlan et al., 2010) identificou igualmente importantes diferenças entre adolescentes heterossexuais, bissexuais e homossexuais no que diz respeito não só ao consumo de tabaco e álcool, como ao excesso de peso e transtornos alimentares.

Suporte parental e suporte social e o Bullying

Dunst e Trivette (1990, citados por Ribeiro, 1999) referem que o suporte social está relacionado com os recursos disponíveis aos indivíduos e unidades sociais (como a família), em resposta aos pedidos de ajuda. O suporte social pode, assim, ser definido como “*the existence or availability of people on whom we can rely, people who let us know that they care about, value, and love us*” (Sarason, Levine, Basham & Sarason, 1983, p. 127). Relativamente ao suporte parental, Rolling e Thomas (1979, citados por Young, Miller, Norton & Hill, 1995) definiram este tipo de suporte como um comportamento do pai ou da mãe para com um filho, que permite à criança sentir-se confortável com a presença do pai ou da mãe e sentir-se reconhecida e aprovada pelos mesmos. Barber e Thomas (1986) acrescentaram que o suporte parental diz respeito a comportamentos fundamentais, como ajudar, elogiar, aprovar, incentivar ou expressar carinho.

O suporte parental e o suporte social estão fortemente relacionados com a vitimização, sendo que os estudantes LGB estão associados, por norma, a baixos níveis, não só de suporte parental, como de suporte social. Estudos recentes sublinham o facto de, numa cultura heterossexual, ser menor o ênfase dado a jovens que mais se questionam relativamente à sua orientação sexual, mesmo sabendo que estes são identificados como um grupo de pessoas com necessidade de vários tipos de suporte (Savin-Williams, 2001; Hollander, 2000, citados por Espelage, Aragon & Birkett, 2008).

Num estudo de Ryan et al. (2009) verificou-se que reacções familiares negativas à orientação sexual de um adolescente estão associadas a problemas de saúde negativos

em jovens adultos LGB. Desta forma, as reacções adversas, punitivas e traumáticas dos pais e cuidadores perante a identidade LGB dos seus filhos terão uma influência negativa sobre os comportamentos de risco e a saúde dos jovens, tendo em conta o papel fundamental que as famílias desempenham ao nível do desenvolvimento das crianças e adolescentes. Assim, de acordo com o mesmo estudo, jovens LGB com baixos níveis de rejeição por parte dos pais têm menor risco de depressão, suicídio, uso de substâncias e comportamentos sexuais de risco, comparativamente com os jovens com elevados níveis de rejeição.

Hershberger e D'Augelli (1995) afirmam que a maioria dos jovens tem medo de revelar a sua orientação sexual à família. De acordo com os autores, quando as mães conhecem a orientação sexual do(a) filho(a), 8% mostram-se intolerantes mas não os rejeitam e 12% rejeitam-nos; relativamente aos pais, 10% revelam-se intolerantes e 18% rejeitam a orientação sexual dos filhos.

Neste sentido, Espelage, Aragon e Birkett (2008) procuraram investigar até que ponto o suporte parental e o clima de escola positivo influenciam as consequências psicológicas dos estudantes questionados acerca da sua orientação sexual. Os autores afirmam que os indivíduos LGB comunicam menos com os pais e consideram ter menos suporte parental que os indivíduos heterossexuais.

Em Portugal, segundo os dados de estudos de Simões e Matos (2009), as vítimas de *bullying* mostram dificuldades de comunicação com os pais, o que leva a supor que também nas vítimas de *bullying* o suporte parental seja também mais fraco, quando comparado com o de jovens que não sejam vítimas de *bullying*.

Comparativamente com os adolescentes heterossexuais, os jovens de minorias sexuais apresentam menos suporte social, tanto em contexto familiar como de pares; e uma menor proximidade com as suas mães e menor companheirismo com os seus melhores amigos (Williams, Connolly, Pepler & Craig, 2005). Estes autores referem que o estigma associado à não-heterossexualidade pode diminuir os laços dos adolescentes com amigos e familiares, o que resulta numa redução do suporte social percebido. Desta forma, o baixo suporte social e a elevada vitimização são, por si só, experiências negativas e constituem factores de risco para o ajustamento emocional e comportamental dos jovens pertencentes a minorias sexuais (Safren & Heimberg, 1999). Os autores acrescentam que a vitimização e a falta de suporte social desempenham um papel fundamental na previsão de dificuldades psicossociais.

Objectivos do Presente Estudo

Partindo do racional teórico desenvolvido anteriormente, pretende-se com o presente estudo explorar a forma como o *bullying* homofóbico afecta os jovens portugueses pertencentes a minorias sexuais e as consequências que advêm para as vítimas. Mais concretamente, espera-se que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentem maiores níveis de consequências psicológicas do que as não-vítimas de *bullying* homofóbico.

É também objectivo desta investigação explorar as diferenças quanto à relação existente entre experiências de *bullying* homofóbico e o género dos participantes. Deste modo, espera-se que os rapazes apresentem índices mais elevados de vitimização, do que as raparigas. Espera-se igualmente que existam diferenças nos tipos de *bullying*, mais especificamente, os rapazes são alvos de *bullying* mais directo e físico e as raparigas mais indirecto e social.

Outro dos objectivos da presente investigação foi analisar as diferenças relativamente à vitimização por *bullying* homofóbico, nomeadamente em função da orientação sexual. Neste sentido, especula-se que os alunos homossexuais e bissexuais apresentem maiores níveis de vitimização do que os alunos heterossexuais.

Pretende-se igualmente verificar se a percepção de suporte parental e suporte social irão moderar os níveis das consequências em vítimas de *bullying* homofóbico. Com efeito, espera-se que as vítimas de *bullying* homofóbico, com elevados níveis de suporte parental e social, apresentem menores níveis de consequências do que as vítimas de *bullying* homofóbico com baixos níveis de suporte parental e suporte social.

3. Método

Participantes

Participaram neste estudo 211 estudantes de Portugal continental, com idades compreendidas entre 12 e 20 anos ($M=17$; $DP=1.67$). Do total de participantes, 55% ($n=116$) eram do sexo feminino e a maioria frequentava o 12º ano (47.4%). A amostra contou com a participação de jovens de todos os distritos de Portugal continental, sendo que 36% estudava em Lisboa. Relativamente à sua orientação sexual, 30.8% ($n=65$) dos participantes identificaram-se como homossexuais, 29.9% ($n=63$) como heterossexuais, 25.1% ($n=53$) como bissexuais e os restantes optaram por não responder à questão ou declararam ter dúvidas relativamente à sua orientação sexual (Tabela 1).

Tabela 1 - Características demográficas dos participantes

Característica	N	%
Sexo		
Feminino	116	55
Masculino	95	45
Idade		
12	6	2.8
13	3	1.4
14	7	3.3
15	23	10.9
16	35	16.6
17	64	30.3
18	48	22.7
19	14	6.6
20	11	5.2
Ano de escolaridade		
7ºano	8	3.8
8ºano	7	3.3
9ºano	12	5.7
10ºano	35	16.6
11ºano	49	23.2
12ºano	100	47.4

Localidade¹		
Viana do Castelo	8	3.8
Braga	21	10.0
Porto	27	12.8
Vila Real	3	1.4
Bragança	1	0.5
Aveiro	10	4.7
Guarda	1	0.5
Coimbra	12	5.7
Castelo Branco	3	1.4
Leiria	5	2.4
Lisboa	76	36.0
Santarém	8	3.8
Portalegre	1	0.5
Évora	2	0.9
Setúbal	14	6.6
Beja	5	2.4
Faro	14	6.6
Orientação Sexual		
Heterossexual	63	29.9
Homossexual	65	30.8
Bissexual	53	25.1
Tenho dúvidas	14	6.6
Não quero responder	16	7.6

Instrumentos

A recolha de dados foi feita através do preenchimento de um questionário *online*, num total de 33 questões. O questionário apresentava, inicialmente, uma definição de *bullying* e de *bullying* homofóbico. A primeira parte do questionário era composta por 11 questões, destinada à recolha de dados biográficos. A segunda parte do questionário tinha como objectivo avaliar o *bullying* homofóbico e as suas consequências psicológicas. Para tal, foi elaborado um conjunto de 22 questões, com base no Homophobic Content Agent Target Scale (HCAT), desenvolvido por Poteat e Espelage (2005), no Speakout Survey (Stonewall, 2007), no Clinical Outcomes in Routine Evaluation (CORE-OM; Barkham et al., 1998) e na escala de Suporte Social (Espelage, Aragon & Birkett, 2008).

¹ Por lapso na elaboração do questionário, o distrito de Viseu não foi incluído nas hipóteses de resposta a esta questão.

A versão adaptada da escala HCAT (Poteat & Espelage, 2005) utilizada inclui questões relativas à vitimização e agressão verbal, como “Na última semana, quantas vezes as seguintes pessoas te chamaram estes nomes [e.g. maricas, gay, lésbica, etc.]” ou “ Na última semana, quantas vezes chamaste estes nomes [e.g. maricas, gay, lésbica, etc.]”, especificando-se posteriormente o alvo (e.g. “alguém que não conhecias”, “alguém de quem não gostas”, “alguém que julgas ser homossexual”, etc.). Encontra-se assim duas sub-escalas: de alvo/vítima e de agente/*bully*, com 5 itens cada. As respostas aos itens eram dadas numa escala de Likert de cinco pontos, em que 1 correspondia a “Nunca” e 5 a “Muito Frequentemente”. Os autores da escala encontraram boas qualidades psicométricas da mesma, através de índices de precisão ($\alpha=.85$, cada sub-escala), análise factorial (2 factores, 41% e 16% da variância), e correlação com diversas outras medidas, mostrando boas validades convergente e divergente.

A partir do Speakout Survey (Stonewall, 2007), foram extraídos os itens referentes a diferentes formas de agressão (e.g. “Agressão verbal”, “Agressão física”, “Por posts na internet ou blogs”), consequências para o agressor (e.g. “O que aconteceu ao agressor?”) e outras características relativas à situação de *bullying*, como o local, intervenientes, etc. As hipóteses de resposta variavam consoante o conteúdo do item, apresentando-se, em alguns casos, sob a forma de uma escala de Likert de cinco pontos. Esta escala foi já utilizada no Reino Unido para dois estudos ao nível nacional, com o objectivo de caracterizar a prevalência, características e consequências do *bullying* homofóbico nas escolas Britânicas, tendo revelado não só adequabilidade na investigação, como na aplicabilidade a jovens.

Do CORE-OM (Barkham et al., 1998), foi utilizada a versão reduzida e dirigida a adolescentes (YP-CORE). O CORE-OM é composto por 34 itens que se agrupam em 4 dimensões: bem-estar subjectivo (4 itens), queixas/sintomas (12 itens), funcionamento social e pessoal (12 itens) e comportamentos de risco para com o próprio e/ou outros (6 itens). É uma escala amplamente utilizada em investigação e em clínica/psicoterapia, com excelentes qualidades psicométricas. A versão reduzida para adolescentes tem apenas 10 itens, traduzindo o nível de bem-estar psicológico global. As respostas são dadas numa escala de Likert de cinco pontos, em que 1 correspondia a “Nunca” e 5 a “Muito Frequentemente”. Estas medidas foram já traduzidas para português, tendo dados preliminares para população clínica e não clínica (Sales et al., 2008). Para a avaliar as consequências do *bullying*, foram acrescentados itens de comportamentos externalizantes e de sentimentos de pertença à escola, do Speakout Survey (Stonewall, 2007).

Para medir o nível de suporte parental recorreu-se a uma escala apresentada por Espelage, Aragon e Birkett (2008), composta por dois itens, que permite avaliar até que ponto os indivíduos sentem que os seus pais se preocupam com eles e estão presentes quando estes precisam deles ($r = .77$): “Sentes que os teus pais estão presentes quando precisas deles” e “Sentes que os teus pais se preocupam contigo”. As hipóteses de resposta variam entre “Nunca”, “Raramente”, “Às vezes”, “Frequentemente” e “Muito Frequentemente”.

Procedimento

O questionário foi enviado por *e-mail* para os núcleos locais da Associação *rede ex aequo* (associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes), através dos quais foi encaminhado a jovens de idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos. Foi-lhes explicado que o questionário se destinava a recolher opiniões dos estudantes acerca de alguns aspectos da sua vida escolar e que a sua colaboração seria fundamental para a compreensão das relações humanas na escola, assegurando-se a confidencialidade e anonimato das respostas e o carácter voluntário da participação (APA, 2002; Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2011).

Posteriormente, os dados foram inseridos numa base de dados e analisados através do programa SPSS.

4. Resultados

Neste capítulo apresentam-se a análise e tratamento dos resultados, através de diversos procedimentos e análises do programa SPSS, de forma a obter-se uma caracterização geral e descritiva do *bullying* homofóbico nas escolas portuguesas.

Comportamento de bullying

Verificou-se que 40% dos participantes afirmaram já ter sido intimidados, insultados ou agredidos na escola por ser homossexual ou bissexual, ou por alguém que os via como sendo homossexual ou bissexual. Para além disso, a maioria dos estudantes inquiridos declararam já ter visto outras pessoas serem vítimas de *bullying* homofóbico (68%), sendo que 37% das vítimas foram alunos que eram ou podiam ser vistos como homossexuais ou bissexuais. O local mais comum onde os participantes afirmam ter ocorrido estas situações foi dentro do recinto escolar (26%), ou quer dentro quer fora da escola (68%).

Pode-se constatar igualmente que 58% das situações foram presenciadas por mais pessoas para além do inquirido, sendo que 38% das pessoas não fizeram nada, 20% riram-se da situação e apenas 16% pediram ao agressor para parar. Nos casos em que a situação não foi vista por mais ninguém para além dos participantes, apenas 20% contou a amigos/as da escola o que presenciou, registando-se percentagens baixas de relatos das situações a adultos, nomeadamente a professores (6.8%) e aos progenitores (1.4%). Em 80% das situações de *bullying* homofóbico, os inquiridos revelaram que não aconteceu nada ao agressor, sendo que em apenas 15% das situações o agressor foi repreendido/a.

Tipos de bullying

Foram realizadas análises estatísticas com o intuito de categorizar os diferentes tipos de *bullying* e melhor definir o fenómeno a nível das suas consequências, e diferenças de sexo e orientação sexual.

Deste modo, foram agrupadas as diferentes formas de *bullying* homofóbico presentes nos itens referentes ao Speakout Survey (Stonewall, 2007), através de uma Análise por Componentes Principais (ACP), recorrendo ao método de rotação Varimax (KMO=.847; Bartlett χ^2 (55) =1204.127, $p < 0.001$) e usando o critério de Kaiser para extracção de factores (valores próprios iguais ou superiores a 1). A solução final revelou um total de três factores que explicam 70.72% da variância total (ver Tabela 2). O primeiro factor obtido, Violência Psicológica, refere-se às agressões verbais, exclusão e isolamento, bem como aos mexericos e

boatos, tendo apresentado uma boa consistência interna ($\alpha=.90$). O segundo factor, Violência Física e Sexual, remete para um tipo de agressão que envolve ameaças à integridade física e agressões sexuais, apresentando uma consistência interna igualmente elevada ($\alpha=.77$). Por último, o terceiro factor, *Cyberbullying*, está relacionado com as agressões perpetradas através da Internet (e.g. publicação de *posts*) ou do telemóvel, tendo apresentado uma consistência interna também elevada ($\alpha=.80$). A Violência Psicológica registou uma maior ocorrência média ($M=2.09$), em detrimento do *Cyberbullying* ($M=1.30$) e da Violência Física ($M=1.14$), explicando 27.93% da variação.

Tabela 2: Análise por Componentes Principais (ACP) referente às formas de *bullying* homofóbico

Se foste alvo de <i>bullying</i> homofóbico, com que frequência foste sujeito(a) a:	Factores								
	Violência Psicológica			Violência Física e Sexual			Cyberbullying		
	<i>Loading</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Loading</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Loading</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Agressão verbal	.883	2.22	1.36						
Mexericos ou boatos	.841	2.33	1.47						
Olhares intimidantes	.809	2.00	1.28						
Ignorado/a ou isolado/a	.781	1.81	1.30						
Ameaça grave à tua integridade				.866	1.06	.43			
Agressão física				.724	1.19	.57			
Agressão sexual				.721	1.06	.28			
Estragar ou roubar coisas				.592	1.23	.67			
<i>Instant messaging</i> /chat/e-mail							.877	1.34	.77
<i>Posts</i> na Internet ou blogs							.811	1.27	.72
Telemóvel							.728	1.29	.80
Variância explicada (%)		27.928			22.122			20.669	
Consistência interna (α)		0.90			0.77			0.80	
<i>M</i>		2.09			1.14			1.30	
<i>DP</i>		1.193			.384			.647	

De modo a comparar os tipos de *bullying* homofóbico entre rapazes e raparigas, foram realizados testes *t* para comparação de médias. Neste sentido, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas, em dois dos tipos de *bullying*, nomeadamente, na violência psicológica e na violência física ou sexual (ver Tabela 3). Assim, constata-se que os rapazes alvos de *bullying*, quando comparados com as raparigas, apresentam maiores níveis médios tanto de violência psicológica como de violência física e sexual. Não se verificaram diferenças relativas ao *cyberbullying*, no entanto fazendo uma análise descritiva das médias, realça-se que as raparigas são mais frequentemente alvo de *cyberbullying* (M=1.32, DP=0.72), do que os rapazes (M=1.28, DP=0.54).

Tabela 3: Diferenças de médias dos tipos de *bullying* homofóbico para rapazes e raparigas

Tipos de <i>Bullying</i>	<i>t</i>	Rapazes		Raparigas	
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Violência Psicológica	-2.562*	2.32	1.22	1.90	1.14
Violência Física e Sexual	-2.066*	1.20	.46	1.09	.30
<i>Cyberbullying</i>	.427	1.28	.54	1.32	.72

gl=209 **p*<0.05

Escala de agressão verbal: agressão e vitimização

Uma vez que a forma de violência psicológica foi aquela que registou uma maior frequência de ocorrência, procuramos analisar especificamente a escala de agressão verbal HCAT (Poteat & Espelage, 2005), que permite avaliar até que ponto os alunos praticam ou sofrem agressões de teor homofóbico (ver Tabela 4). A escala, dividida entre agressão e vitimização, revelou elevados valores de consistência interna (agressores, $\alpha=.80$; vítimas, $\alpha=.85$), tendo-se verificado uma maior frequência média na sub-escala de vítimas (M=1.64) do que na de agressores (M=1.41).

Tabela 4 – Médias de cada item da sub-escala de vítimas e da sub-escala de agressores

	<i>M</i>	<i>DP</i>
VÍTIMAS		
Alguns jovens chamam nomes uns aos outros, como “gay”, “lésbica”, “maricas”, etc...		
Na última semana, quantas vezes as seguintes pessoas te chamaram estes nomes a:		
Um/a amigo/a	1.73	1.04
Alguém que não conhecias	1.62	1.09
Alguém de quem não gostas	1.77	1.21
Alguém que julgas ser homossexual	1.39	.87
Alguém que julgas não ser homossexual	1.70	1.15
Total	1.64	.86
AGRESSORES		
Na última semana, quantas vezes chamaste estes nomes a:		
Um/a amigo/a	1.55	.95
Alguém que não conhecias	1.39	.77
Alguém de quem não gostas	1.46	.96
Alguém que julgas ser homossexual	1.44	.81
Alguém que julgas não ser homossexual	1.23	.64
Total	1.41	.61

Diferenças em função do sexo e orientação sexual, entre as vítimas de bullying homofóbico

Neste estudo procurou-se ainda averiguar as diferenças relativamente à vitimização por *bullying* homofóbico, nomeadamente em função do sexo e da orientação sexual. Mediante os testes realizados às diferenças de médias, foi possível verificar que os rapazes foram aqueles que apresentaram maiores níveis percentuais de vitimização (56.1%), comparativamente com as raparigas (43.9%), níveis esses que revelaram uma diferença estatisticamente significativa ($\chi^2=6.645$, $gl=1$, $p<.05$).

Por sua vez, aqueles que se identificaram como sendo homossexuais apresentaram maiores níveis percentuais de vitimização (47.6%), comparativamente com os alunos que se identificam como bissexuais (32.9%) e heterossexuais (7.3%), sendo estas diferenças também estatisticamente significativas ($\chi^2=39.690$, $gl=4$, $p<0.001$).

Consequências psicológicas da vitimização por bullying homofóbico

Com o objectivo de verificar o impacto das consequências psicológicas decorrentes da vitimização por *bullying* homofóbico, foram realizados testes *t* para comparação de médias, de modo a comparar as consequências entre as vítimas de *bullying* homofóbico e as não-vítimas. Assim, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre vítimas e não-vítimas, em quinze das vinte consequências presentes no questionário (ver Tabela 5). Deste modo, constata-se que as vítimas de *bullying* homofóbico, quando comparadas com as não-vítimas, apresentam maiores níveis médios de consequências psicológicas. Não se verificaram diferenças relativas aos consumos de substâncias (tabaco, álcool e drogas) e de problemas de comportamento.

Tabela 5: Diferenças de médias das consequências para vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico

Consequências	<i>t</i>	Vítimas		Não-Vítimas	
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Sentiste-te irritado/a ou nervoso/a	3.586**	3.51	1.21	2.88	1.260
Não tiveste vontade de falar com ninguém	7.087**	3.48	1.21	2.29	1.174
Sentiste que eras capaz de lidar com as coisas que correm mal	-1.591	2.94	1.13	3.19	1.139
Pensaste em magoar-te	4.799**	2.28	1.51	1.47	0.936
Sentiste coragem para pedir ajuda a alguém	-2.384*	2.00	1.12	2.44	1.419
Os teus pensamentos e sentimentos fizeram-te sentir mal ou sofrer	5.547**	3.46	1.32	2.42	1.345
Sentiste que os teus problemas eram demais para ti	4.834**	3.22	1.42	2.30	1.291
Sentiste dificuldade em adormecer ou ficar a dormir (a noite toda)	3.612**	3.12	1.43	2.41	1.373
Sentiste-te triste	5.717**	3.73	1.20	2.74	1.239
Fizeste todas as coisas que querias	-2.835*	2.35	1.05	2.81	1.210
Sentiste-te sozinho/a	6.597**	3.35	1.37	2.17	1.200
Agiste sem pensar	2.226*	2.66	1.33	2.28	1.125
Tiveste um bom comportamento em casa e na escola	-.516	3.76	1.06	3.84	1.144
Tiveste muitas discussões	2.847*	2.51	1.09	2.06	1.137
Fumaste tabaco	1.472	2.23	1.71	1.90	1.525
Bebeste álcool	1.317	1.83	1.28	1.62	1.009
Usaste outras substâncias/drogas	1.705	1.38	1.01	1.19	.622
Tiveste dificuldade em concentrar-te na escola	4.325**	3.10	1.23	2.36	1.179
Sentes-te seguro/a na tua escola	-5.087**	3.34	1.09	4.14	1.123
Sentes-te parte da tua escola	-4.253**	3.01	1.18	3.75	1.263

gl=209 **p*<0.05 ***p*<0.001

Suporte Social e Suporte Parental

Foi igualmente objectivo deste estudo verificar se o efeito da *Vitimização* nas *Consequências emocionais, escolares, comportamentais e uso de substâncias* é afectado pelo *Suporte Social e Suporte Parental*, recorrendo-se à realização de modelos de Moderação via ANOVA (ver Tabela 6). Para este efeito, as variáveis de suporte (quer social, quer parental) foram dicotomizadas em Alto-Baixo. Para esse efeito foi utilizada a mediana para dividir os participantes em dois grupos para cada uma dessas variáveis de suporte².

Antes da realização das ANOVAs, foram elaborados quatro índices com o intuito de agrupar as questões referentes às consequências emocionais (e. g. tristeza), às consequências escolares (e. g. dificuldade de concentração), consequências comportamentais (e. g. agir sem pensar) e consequências de uso de substâncias (e. g. consumo de álcool). As consequências emocionais corresponderam à soma de 10 itens (e. g. “Sentiste-te irritado/a ou nervoso/a”, “Sentiste-te triste”, “Não tiveste vontade de falar com ninguém”); as consequências escolares ao item “Tiveste dificuldade em concentrar-te na escola”; as consequências comportamentais aos 3 itens “Agiste sem pensar”, “Tiveste um bom comportamento em casa e na escola” e “Tiveste muitas discussões”; e as consequências de uso de substâncias aos 3 itens “Fumaste tabaco”, “Bebeste álcool” e “Usaste outras substâncias/drogas”.

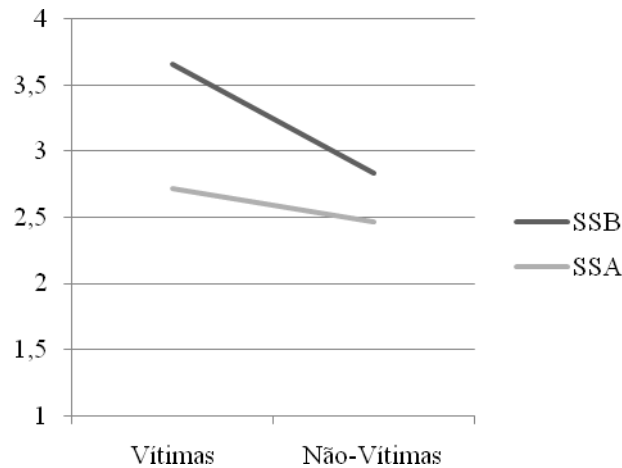
Consequências emocionais

Na primeira ANOVA realizada, a escala de consequências emocionais foi utilizada como variável dependente e a vitimização e suporte social foram as variáveis independentes. Verificou-se que existe moderação (ver Figura 1), pois o efeito de interacção é significativo ($F(1, 207) = 8.162, p < .01$). Assim, o efeito da vitimização nas consequências emocionais é significativamente diferente consoante se tenha alto ou baixo suporte social ($\eta^2 = 3.8\%$). O efeito principal da vitimização foi também significativo ($F(1, 207) = 28.663, p < .001$), o que indica que o nível de consequências emocionais foi diferente para as vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico, sendo que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentaram um maior nível de consequências emocionais ($M=3.35, DP=0.84$), do que as não-vítimas ($M=2.61, DP=0.68$). Também o efeito principal do suporte social se mostrou significativo ($F(1, 207) = 41.303, p < .001$), indicando que o nível de consequências emocionais difere quando o suporte

² As análises apresentadas utilizam a mediana como critério de dicotomização do suporte parental e social, tendo sido igualmente feita a análise a partir da média. Contudo, os resultados foram semelhantes aos apresentados.

social é alto ou baixo, em que o nível de consequências emocionais foi mais elevado quando o suporte social era baixo ($M=3.27$, $DP=0.83$), do que quando era elevado ($M=2.53$, $DP=0.64$).

Figura 1 – Efeito moderador do Suporte Social no efeito da vitimização nas consequências emocionais



Relativamente à segunda ANOVA, recorreu-se à utilização do suporte parental como variável independente. Neste caso, não houve efeito de interação significativo, registando-se um efeito principal significativo da vitimização ($F(1, 207)= 32.728$, $p<.01$), o que significa que o nível de consequências emocionais foi diferente para as vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico, sendo que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentaram um maior nível de consequências emocionais ($M=3.35$, $DP=0.84$), do que as não-vítimas ($M=2.61$, $DP=0.68$). Registou-se também um efeito principal significativo do suporte parental ($F(1, 207)= 4.384$, $p=.037$), que mostrou que o nível de consequências emocionais difere quando o suporte parental é alto ou baixo, sendo que o nível de consequências emocionais foi mais elevado quando o suporte parental era baixo ($M=3.08$, $DP=0.85$), do que quando era elevado ($M=2.65$, $DP=0.73$).

Consequências escolares

Em relação às variáveis escolares, foram realizadas duas ANOVAs. Não foram encontrados efeitos de interação significativos, apenas efeitos principais significativos da vitimização, tanto quando o suporte social era introduzido como variável independente, como com o suporte parental. No primeiro, o efeito principal da vitimização ($F(1, 207)= 13.555$, $p<.01$) revelou que o nível de consequências escolares é diferente para as vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico, sendo que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentaram

um maior nível de consequências escolares ($M=3.10$, $DP=1.23$), do que as não-vítimas ($M=2.36$, $DP=1.18$); no segundo efeito principal da vitimização ($F(1, 207)= 16.402$, $p<.01$), verificou-se igualmente que o nível de consequências escolares é diferente para as vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico, em que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentam um maior nível de consequências escolares ($M=3.10$, $DP=1.23$), do que as não-vítimas ($M=2.36$, $DP=1.18$). Não se registaram diferenças significativas dos efeitos principais do suporte social e do suporte parental, o que revela que o nível de consequências escolares não difere quando os níveis de suporte social ou parental são altos ou baixos.

Consequências comportamentais

Quando avaliadas as consequências comportamentais, foram também realizadas duas ANOVAs. Não foram encontrados efeitos de interação significativos, apenas efeito principal significativo do suporte social ($F(1, 207)= 4.111$, $p=.044$), indicando que o nível de consequências comportamentais difere quando o suporte social é alto ou baixo, sendo que o nível de consequências comportamentais foi mais elevado quando o suporte social era baixo ($M=2.43$, $DP=0.88$), do que quando era elevado ($M=2.14$, $DP=0.785$). O mesmo foi verificado para o suporte parental ($F(1, 207)= 6.254$, $p=.013$), onde se verificou que o nível de consequências comportamentais difere quando o suporte parental é alto ou baixo, sendo que o nível de consequências comportamentais foi mais elevado quando o suporte parental era baixo ($M=2.45$, $DP=0.86$), do que quando era elevado ($M=2.07$, $DP=0.78$). Relativamente aos efeitos principais da vitimização, estes não foram significativos, o que mostra que o nível de consequências comportamentais não difere conforme para as vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico.

Consequências uso de substâncias

Relativamente à variável uso de substâncias, não foram encontrados efeitos de interação significativos. Verificou-se que o efeito principal da vitimização foi significativo, na análise com o suporte social como variável moderadora ($F(1,207)= 4.752$, $p=.030$), o que indicou que o nível de consequências no uso de substâncias é diferente para as vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico, sendo que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentam um maior nível de consequências uso de substâncias ($M=1.81$, $DP=1.09$), do que as não-vítimas ($M=1.57$, $DP=0.84$). Na análise com o suporte parental como variável moderadora, o efeito principal da vitimização não foi significativo. Os efeitos principais do suporte social e do

suporte parental não foram significativos, sendo que o nível de consequências escolares não difere quando os níveis de suporte social ou parental são altos ou baixos.

Tabela 6: Diferenças de médias das consequências emocionais, escolares, comportamentais e de uso de substâncias para vítimas de *bullying* homofóbico, tendo em conta o Suporte Social e Suporte Parental

Consequências	Suporte Social Baixo				Suporte Social Alto			
	Vítimas		Não-Vítimas		Vítimas		Não-Vítimas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Emocionais	3.66	0.79	2.83	0.65	2.72	0.56	2.47	0.66
Escolares	3.20	1.24	2.49	1.24	2.89	1.22	2.29	1.14
Comportamentais	2.59	0.92	2.26	0.81	2.24	0.58	2.11	0.84
Uso de substâncias	1.76	1.13	1.40	0.58	1.93	1.03	1.67	0.96

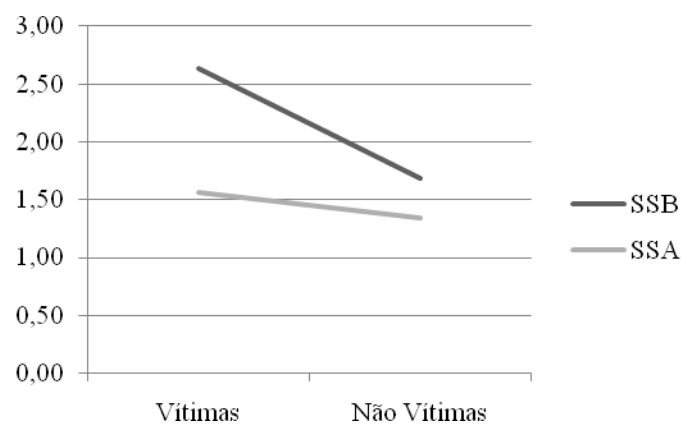
Consequências	Suporte Parental Baixo				Suporte Parental Alto			
	Vítimas		Não-Vítimas		Vítimas		Não-Vítimas	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Emocionais	3.42	0.88	2.72	0.64	3.14	0.66	2.52	0.70
Escolares	3.18	1.24	2.53	1.24	2.85	1.23	2.24	1.12
Comportamentais	2.55	0.89	2.34	0.81	2.22	0.58	2.03	0.83
Uso de substâncias	1.82	1.14	1.49	0.72	1.80	0.94	1.63	0.93

Por último, pretendeu-se ainda verificar se o efeito da *Vitimização* na variável “*Pensaste em magoar-te*” é afectado pelo *Suporte Social e Suporte Parental*, recorrendo-se à realização de modelos de Moderação via ANOVA (ver Tabela 7).

Na primeira ANOVA realizada, a variável “*Pensaste em magoar-te*” foi utilizada como variável dependente, e a *vitimização* e *suporte social* foram as variáveis independentes. Verificou-se que existe moderação (ver Figura 2), pois o efeito de interação é significativo ($F(1, 207) = 4.537, p = .034$). Assim, o efeito da *vitimização* na variável “*Pensaste em magoar-te*” é significativamente diferente consoante se tenha alto ou baixo suporte social ($\eta^2 = 2.1\%$). O efeito principal da *vitimização* foi igualmente significativo ($F(1, 207) = 15.283, p < .01$), o que revela que o nível da variável “*Pensaste em magoar-te*” foi diferente para as

vítimas e não-vítimas de *bullying* homofóbico, sendo que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentaram um maior nível da variável “Pensaste em magoar-te” ($M=2.28$, $DP=1.51$), do que as não-vítimas ($M=1.57$, $DP=0.94$). Também o efeito principal do suporte social se mostrou significativo ($F(1, 207)= 23.438$, $p<.001$), indicando que o nível da variável “Pensaste em magoar-te” difere quando o suporte social é alto ou baixo, em que o nível da variável “Pensaste em magoar-te” foi mais elevado quando o suporte social era baixo ($M=2.19$, $DP=1.44$), do que quando era elevado ($M=1.39$, $DP=0.89$).

Figura 2 – Efeito moderador do Suporte Social no efeito da vitimização na consequência “Pensaste em magoar-te”



Relativamente à segunda ANOVA, recorreu-se à utilização do suporte parental como variável independente, mantendo-se a variável “Pensaste em magoar-te” como variável dependente e a vitimização como variável independente. Neste caso, não houve efeito de interação significativo, registando-se apenas um efeito principal significativo da vitimização ($F(1, 207)= 13.084$, $p=.000$), sendo que as vítimas de *bullying* homofóbico apresentam um número mais elevado de respostas na variável “Pensaste em magoar-te” ($M=2.28$, $DP=1.51$), do que as não-vítimas ($M=1.47$, $DP=0.94$). Não se registaram diferenças significativas do efeito principal do suporte parental, o que revela que o nível de respostas à variável “Pensaste em magoar-te” não difere quando o nível suporte parental é alto ou baixo.

Tabela 7: Diferenças de médias das respostas à variável “Pensaste em magoar-te” para vítimas de *bullying* homofóbico, tendo em conta o Suporte Social e Suporte Parental

	Suporte Social Baixo				Suporte Social Alto			
	Vítimas		Não-Vítimas		Vítimas		Não-Vítimas	
Consequência	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
“Pensaste em magoar-te”	2.64	1.56	1.69	1.10	1.56	1.12	1.34	0.80

	Suporte Parental Baixo				Suporte Parental Alto			
	Vítimas		Não-Vítimas		Vítimas		Não-Vítimas	
Consequência	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
“Pensaste em magoar-te”	2.40	1.56	1.54	0.97	1.90	1.29	1.42	0.92

5. Discussão

O presente estudo teve como objectivo efectuar uma caracterização geral do fenómeno do *bullying* homofóbico e explorar a forma como este tipo de *bullying* afecta os jovens portugueses pertencentes a minorias sexuais e as consequências que advêm para as vítimas.

Os resultados obtidos permitiram constatar que a maioria dos jovens estudantes já presenciou situações de *bullying* homofóbico contra alunos que são ou que se pensa que possam ser homossexuais ou bissexuais, sendo que a maioria das situações ocorreram dentro do recinto escolar. À semelhança dos resultados encontrados noutros estudos (e.g. D'Augelli et al., 2002; O'Higgins-Norman, 2008), os resultados obtidos sugerem que os rapazes portugueses são mais frequentemente vítimas de *bullying* homofóbico, comparativamente com as raparigas. Por sua vez, foram os alunos homossexuais e bissexuais aqueles que sofreram mais situações de *bullying* homofóbico, sendo que alguns dos jovens heterossexuais também estiveram envolvidos em situações similares. Este facto vai de encontro ao que havia sido afirmado noutros estudos (e.g. Poteat & Espelage, 2005), que também existem estudantes heterossexuais que podem ser vítimas de homofobia, não pela sua orientação sexual, mas porque são percebidos como sendo diferentes das expectativas tradicionais do papel de género masculino ou feminino.

Ao nível da intervenção em situações de *bullying* homofóbico, verificou-se que apesar das situações de vitimização serem presenciadas por terceiros, na maioria dos casos ninguém intervém e apenas em poucas situações é pedido ao agressor para parar com o seu comportamento, tal como se verificou em estudos semelhantes (e.g. Stonewall, 2007). Regista-se ainda uma elevada percentagem de comportamentos que incentivam o comportamento do agressor e desvalorizam a agressão (e.g. risos). É de realçar ainda que os resultados indicam que, na maioria das situações, os agressores parecem não ter consequências face ao seu comportamento, ou seja, são raras as ocasiões em que estes sofrem qualquer tipo de sanção. Neste sentido, verifica-se a falta de sensibilização para as questões do *bullying* e homofobia entre os mais novos, permanecendo, muito provavelmente, crenças que legitimam atitudes e comportamentos agressivos para com os indivíduos que não correspondam aos papéis de género normativos ou que manifestem uma orientação sexual não heterossexual. Desta forma, as escolas deviam trabalhar para prevenir e responder às situações de *bullying* homofóbico, com vista a garantir que o ambiente de aprendizagem seja positivo para os alunos LGBT (Stonewall, 2007).

Relativamente aos tipos de *bullying* homofóbico, os resultados obtidos demonstram maiores níveis de violência psicológica do que de violência física, o que vai de encontro ao demonstrado em estudos semelhantes (Poteat & Espelage, 2005; Stonewall, 2007; O’Higgins-Norman, 2008). Por sua vez, quando comparados os tipos de *bullying* entre rapazes e raparigas, verificou-se igualmente que rapazes são os maiores alvos tanto de violência psicológica como de violência física e sexual. As raparigas, comparativamente com os rapazes, são mais frequentemente alvo de *cyberbullying* e de violência psicológica, o que vai de encontro com o facto de as raparigas estarem mais vulneráveis a este tipo de vitimização “indirecta” do que os rapazes, que sofrem também de violência física (e. g. Almeida et al., 2008; Formosinho, Taborda & Fonseca, 2008). Neste sentido, é fundamental ter em conta a gravidade da violência entre os jovens, não só a mais explícita e visível, como também o *cyberbullying*, cada vez mais constante no nosso país.

Do mesmo modo, verificou-se que as consequências psicológicas decorrentes do *bullying* homofóbico são notoriamente superiores para as vítimas do que para aqueles que não foram vítimas, destacando-se o isolamento, tristeza e solidão, tal como outros autores haviam evidenciado (e. g. Russell, 2003; Adams et. al, 2004). É ainda de referir que as vítimas de *bullying* homofóbico afirmam igualmente sentir-se menos seguras na escola, sentindo-se menos integradas no seio da comunidade escolar, sendo este um resultado que vai de encontro a outros estudos (e.g. Berlan et al., 2010). Com efeito, importa ponderar a necessidade de se criarem redes formais ou informais de suporte social para as vítimas de *bullying* homofóbico, que possam diminuir a ocorrência destas situações e atenuar as suas consequências ao nível psicológico.

Contrariamente aos resultados de outros estudos (e.g. D’Augelli et al., 2002; Ritter & Terndrup, 2002), não se registaram diferenças ao nível das consequências de comportamento e de consumos entre vítimas e não-vítimas, o que poderá reflectir o facto de estes serem comportamentos terem padrões de consumos diferentes dos anglo-saxónicos entre os jovens portugueses.

No que diz respeito à percepção de suporte parental e social, como moderadores dos níveis de consequências nas vítimas de *bullying* homofóbico, constatou-se que o nível de consequências emocionais nas vítimas de *bullying* homofóbico é superior quando o suporte social é baixo. Por sua vez, verificou-se também que, tanto o nível de consequências emocionais como o de consequências comportamentais difere conforme o nível de suporte parental (alto ou baixo). Quando o nível de suporte parental é baixo, o nível de consequências emocionais e comportamentais é mais elevado. O efeito da vitimização ao nível da variável

“Pensaste em magoar-te” foi superior quando as vítimas tinham baixo suporte social. Apesar de não se ter verificado o efeito moderador dos dois tipos de suporte em todas as consequências do *bullying* homofóbico para vítimas e não-vítimas, pode-se constatar a influência tanto do suporte social como do parental, o que vai de encontro a outros estudos que salientam o facto de os jovens vítimas de *bullying* homofóbico terem menos apoio e suporte social e parental (e. g. Safren & Heimberg, 1999; Espelage, Aragon & Birkett, 2008). Importa, assim, realçar novamente a necessidade de fomentar as redes de suporte social formal e informal para os jovens vítimas de *bullying* homofóbico.

A realização deste estudo permitiu constatar que a discriminação com base na orientação sexual ou no carácter hetero-normativo do ambiente escolar está presente nas escolas portuguesas, assumindo características análogas às encontradas em estudos realizados noutros países. À semelhança do que tem vindo a ser desenvolvido nesses países, em Portugal foi recentemente lançado um projecto escolar que visa a sensibilização contra o *bullying* homofóbico, o Projecto Inclusão, desenvolvido pela Associação *rede exaequo* (Associação *rede ex aequo*, 2010). Contudo, mantém-se a necessidade de se criarem mais programas de sensibilização, bem como medidas de protecção e redes de apoio formais e informais contra a homofobia e o *bullying* homofóbico, em ambiente escolar.

No relatório escolar da associação Stonewall (2007), são indicadas dez principais formas de suporte a alunos LGBT ao nível das escolas, que seriam importantes passos a seguir pelas escolas portuguesas, nomeadamente, reconhecer e identificar o problema (que o *bullying* homofóbico ocorre diariamente em ambiente escolar); desenvolver políticas sobre *bullying* homofóbico e transmiti-las aos jovens; promover um ambiente social positivo; dar formação aos funcionários para atender às necessidades dos jovens; difundir informações e apoio; integrar a orientação sexual no curriculum das temáticas abordadas na escola; recorrer a apoio exterior (e. g. organizações de apoio a jovens LGBT); incentivar modelos com um papel positivo para os estudantes LGBT (e. g. professores); não fazer suposições (e. g. nem todos os jovens gays passam pelas mesmas situações); ter em conta os progressos feitos com vista ao combate do *bullying* homofóbico, o que poderá incentivar outras escolas/alunos a seguir o mesmo caminho de luta contra a homofobia e *bullying* homofóbico.

O presente estudo apresenta algumas limitações metodológicas. A recolha de dados constitui a maior limitação, dado que foi efectuada através da maior associação de apoio a jovens LGBT e simpatizantes do país, o que tornou a amostra não representativa da população juvenil em Portugal (uma sobre-representação de jovens homossexuais e bissexuais). Esses jovens tinham ainda algum tipo de suporte social informal através desta associação. A

metodologia de recolha de dados, através de questionário online, também apresenta algumas limitações. Muito embora esta metodologia se revele eficaz na recolha de maiores amostras, principalmente entre os mais jovens, a metodologia não permite garantir alguns aspectos metodológicos e éticos relevantes (e.g. participação de menores de idade sem consentimento parental; garantia de resposta única por participante). Ainda assim, muitos estudos têm utilizado esta metodologia. Mais ainda, foi utilizada uma amostragem em cadeia, assegurando de forma mais estruturada a participação dos jovens. Estudos futuros poderão recorrer a uma amostra mais ampla e representativa de jovens portugueses e explorar as diferenças entre as características do *bullying* homofóbico e do *bullying* no geral.

6. Referências

- Adams, N., Cox, T., & Dunstan, L. (2004). 'I Am the Hate that Dare Not Speak its Name': Dealing with homophobia in secondary schools. *Educational Psychology in Practice*, 20, 259-269.
- Almeida, A., Correia, I., Esteves, C., Gomes, S., Garcia, D. & Marinho, S. (2008). Espaços virtuais para maus tratos reais: as práticas de cyberbullying numa amostra de adolescentes portuguesas. In R. Astor, E. Debarieux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 134). Lisboa: Edições FMH.
- Almeida, J., Johnson, R. M., Corliss, H. L., Molnar, B. E., & Azrael, D. (2009). Emotional Distress Among LGBT Youth: The Influence of Perceived Discrimination Based on Sexual Orientation. *J Youth Adolescence*, 38, 1001–1014.
- American Psychological Association (2002). *Ethical principles of psychologists and code of conduct*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Associação *rede ex aequo* – Associação de jovens Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros e simpatizantes (2008). *Relatório sobre Homofobia e Transfobia: Observatório de Educação LGBT*. Lisboa: Relatório não publicado.
- Associação *rede ex aequo* – Associação de jovens Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros e simpatizantes (2010). *Relatório sobre Homofobia e Transfobia: Observatório de Educação LGBT*. Lisboa: Relatório não publicado.
- Barber, B. K., & Thomas, D. L. (1986). Dimensions of Fathers' and Mothers' Supportive Behavior: The Case for Physical Affection. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 783-794.
- Barkham, M., Evans, C., Margison, F., McGrath, G., Mellor-Clark, J., Milne, D., & Connell, J. (1998). The rationale for developing and implementing core outcome batteries for

- routine use in service settings and psychotherapy outcome research. *Journal of Mental Health, 7*, 35-47.
- Berlan, E., Corliss, H., Field, A., Goodman, E., & Austin, S. (2010). Sexual Orientation and Bullying Among Adolescents in the Growing Up Today Study. *Journal of Adolescent Health, 46*, 366 – 371.
- Browne , K. & Falshaw ,L. (1998). Street Children and Crime in the UK: A Case of Abuse and Neglect. *Child Abuse Review, 7*, 241-253.
- Carvalhosa, S. F. (2007). *Intervenção em contexto escolar*. Paper presented at the Conference "Bullying, Violência e Agressividade em Contexto Escolar", Lisboa, Portugal.
- Carvalhosa, S., Lima, L. & Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica, 4*, 523-537.
- Carvalhosa, S., & Matos, M. (2004). Bullying in schools: what’s going on? Paper presented at the 9th Biennial Conference of EARA, Porto.
- Carvalhosa, S., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações, 13*, 125-146.
- Craig, W. M. (1998). The relationship among bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children. *Personality and Individual Differences, 24*, 123-130.
- D’Augelli, A. R., Pilkington, N. W., & Hershberger, S. L. (2002). Incidence and Mental Health Impact of Sexual Orientation Victimization of Lesbian, Gay, and Bisexual Youths in High School. *School Psychology Quarterly, 17*(2), 148-167.
- Espelage, D. L., Aragon, S. R., & Birkett, M. (2008). Homophobic Teasing, psychological Outcomes, and Sexual Orientation Among High School Students: What Influence Do Parents and Schools Have? *School Psychology Review, 37*(2), 202-216.

- Fekkes, M., Pijpers, F. I. M., & Verloove-Vanhorick, S. P. (2005). Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. *Health Education Research, 20*, 81–91.
- Formosinho, M., Taborda, M. C. & Fonseca, A. (2008). Bullying in adolescence: Data from Portuguese school. In R. Astor, E. Debarieux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 33). Lisboa: Edições FMH.
- Gini, G. (2005). Social cognition and moral cognition in bullying: What's wrong?. *Aggressive Behavior*.
- Gonçalves, S. M. P., & Matos, M. G. (2007). Bullying in schools: Predictors and Profiles. *International Journal on Violence and School, 4*, 91-108.
- Green, V. A. (2008). Bullying. In N. J. Salkind (Ed.) *Encyclopedia of Educational Psychology* (pp. 119-124). Sage Publications: USA.
- Harry, J. (1989). Sexual identity issues. In ADAMHA, Report of the Secretary's Task Force on Youth Suicide (DHHS Publication No. ADM 89-1622; Vol. 2, pp. 131-142). Washington, DC: U.S. Government Printing Office.
- Hershberger, S. L., & D'Augelli, A. R. (1995). The Impact of Victimization on the Mental Health and Suicidality of Lesbian, Gay, and Bisexual Youths. *Developmental Psychology, 31*(1), 65-74.
- Hoover, J. H., & Oliver, R. (1996). *The Bullying Prevention Handbook: A Guide for Principals, Teachers, and Counselors*. National Educational Service: Indiana.
- Nansel, T. R., Overpeck, M., Pilla, R. S., Ruan, W. J., Simons-Morton, B., & Scheidt, P. (2001). Bullying Behaviors Among US Youth: Prevalence and Association With Psychosocial Adjustment. *JAMA, 285*, 2094 – 2100.

- O'Higgins-Norman, J. (2008). Equality in the provision of social, personal and health education in the Republic of Ireland: the case of homophobic bullying? *Pastoral Care in Education, 26*(2), 69–81.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Cambridge: Blackwell.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2011). *Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses*. Regulamento nº 258/2011, Publicado na 2ª Série do Diário da Republica a 20 de Abril de 2011.
- Perren, S. & Hornung, R. (2005). Bullying and Delinquency in Adolescence: Victims' and Perpetrators' Family and Peer Relations. *Swiss Journal of Psychology, 64* (1), 51–64.
- Poteat, V. P., & Espelage, D. L. (2005). Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. *Violence and Victims, 20*, 513-528.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica, 3*, 547-558.
- Rigby, K., & Slee, P. T. (1993). Dimensions of interpersonal relating among Australian school children and their implications for psychological well-being. *Journal of Social Psychology, 133*, 33-42.
- Rigby, K. (1994). Psychosocial functioning in families of Australian adolescent schoolchildren involved in bully/victim problems. *Journal of Family Therapy, 16*, 173-187.
- Ritter, K. Y., & Terndrup, A. I. (2002). *Handbook of Affirmative Psychotherapy with Lesbians and Gay Men* (Cap. 6). The Guildford Press: New York.
- Robertson, L., & Monsen, J. (2001). Issues in the development of a gay or lesbian identity: Practice implications for educational psychologists. *Educational and Child Psychology, 18*(1), 13-31.

- Russell, S. T. (2003). Sexual Minority Youth and Suicide Risk. *American Behavioral Scientist, 46*(9), 1241-1257.
- Ryan, C., Huebner, D., Diaz, R. M., & Sanchez, J. (2009). Family Rejection as a Predictor of Negative Health Outcomes in White and Latino Lesbian, Gay, and Bisexual Young Adults. *Pediatrics, 123*, 346-352.
- Safren, S. A., & Heimberg, R. G. (1999). Depression, Hopelessness, Suicidality, and Related Factors in Sexual Minority and Heterosexual Adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 67*, 859-866.
- Sales, C., Moleiro, C., Gonçalves, S., Silva, I., Duarte, J. & Evans, C. (2008). *Translation of the CORE-OM into Portuguese and initial data on its use in Portugal*. Oral paper presentation at the 39th SPR International Meeting, Barcelona, 18-21 June 2008.
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Björkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1996). Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior, 22*, 1–15.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing Social Support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology, 44*(1), 127-139.
- Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica, 2*, 97-110.
- Simões, C., & Matos, M. G. (2009). *Violência: Aventura Social*. Manuscrito não publicado. Lisboa: UTL, FMH, DEER.
- Solberg, M., & Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus bully/victim questionnaire. *Aggressive Behavior, 29*, 239-268.

- Stevens, V., De Bourdeaudhuij, I., & Van Oost, P. (2002). Relationship of the Family Environment to Children's Involvement in Bully/Victim Problems at School. *Journal of Youth and Adolescence*, 31(6), 419–428.
- Stonewall (2007). *The School Report: The experiences of young gay people in Britain's schools*. UK: Autor.
- Takács, J. (2006). Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender (LGBT) people in Europe. ILGA-Europe and IGLYO.
- Williams, T., Connolly, J., Pepler, D., & Craig, W. (2005). Peer Victimization, Social Support, and Psychosocial Adjustment of Sexual Minority Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 34 (5), 471–482.
- Wright, L. W., Adams, H. E., & Bernat, J. (1999). Development and Validation of the Homophobia Scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 21, 337-347.
- Young, M. H., Miller, B. C., Norton, M. C., & Hill, E. J. (1995). The Effect of Parental Supportive Behaviors on Life Satisfaction of Adolescent Offspring. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 813-822.

7. Anexos

Anexo A- Questionário online

Questionário Projecto Inclusão

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos/as estudantes acerca de alguns aspectos da sua vida escolar. É anónimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial. Por essa razão, o teu nome não te é pedido em nenhuma parte do questionário. Este estudo é da responsabilidade da rede ex aequo (associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes), com a colaboração do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL/CIS), e irão ser os/as seus/suas investigadores/as a tratar os resultados. A tua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola. Para assinalares as tuas respostas, coloca uma cruz nos quadrados correspondentes às opções que considerares mais adequadas. Muito obrigado/a pela tua colaboração.

Para poderes responder a estas perguntas, é importante saberes que:

Bullying é uma palavra utilizada para descrever actos de violência física (ex: bater, empurrar, agredir) ou psicológica (ex: gozar, insultar, espalhar boatos) que se repetem ao longo do tempo, sendo praticados por um/a ou mais alunos/a) com o objectivo de agredir ou intimidar outro/) aluno/).

O bullying homofóbico é um tipo específico de bullying que ocorre quando um/a aluno/a é agredido/a, intimidado/a ou insultado/a por ser homossexual ou bissexual, ou por se pensar que é homossexual ou bissexual.

***Obrigatório**

Que idade tens? *

Qual o teu género? *

- Feminino
 Masculino

Qual o teu ano de escolaridade? *

- 7º
 8º
 9º
 10º
 11º
 12º

Frequentas o ensino: *

- Regular
 Técnico-Profissional
 Outra:

A tua escola situa-se no distrito de: *

Viana do Castelo ▼

Já alguma vez reprovaste? *

- Não
 Sim

Como são geralmente as tuas notas?

(Se estás no 7º ao 9º ano)

1 ▼

Como são geralmente as tuas notas?

(Se estás no 10º ao 12º ano)

<7 ▼

No último mês, quantos dias faltaste às aulas, sem ser por motivos de doença: *

- Nenhum
 1-2
 3-5
 >1 semana

Em que país nasceste?

- Portugal
 Outra:

Em que país nasceram os teus progenitores? *

- Portugal
 Outra:

Com quem vives? *

(escolhe todos os que forem verdadeiros)

- Mãe
 Pai
 Irmãos
 Avós
 Tios
 Companheiro/a da Mãe
 Companheiro/a do Pai
 Outros

Continuar >>

Questionário Projecto Inclusão

*Obrigatório

Alguns jovens chamam nomes uns aos outros, como "gay", "lésbica", "maricas", etc...

Na última semana, quantas vezes as seguintes pessoas te chamaram estes nomes: *

	Muito Frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Um amigo/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém que não conhecias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém de quem não gostas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém que julgas ser homossexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém que julgas não ser homossexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Na última semana, quantas vezes chamaste estes nomes a: *

	Muito Frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Um amigo/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém que não conhecias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém de quem não gostas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém que julgas ser homossexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguém que julgas não ser homossexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Já alguma vez foste intimidado(a), insultado(a) ou agredido(a) na escola por seres homossexual ou bissexual, ou por alguém que pensava que eras homossexual ou bissexual? *

- Sim
 Não

Quem é que te intimidou, insultou ou agrediu? *

(escolhe todas as que forem verdadeiras)

- Raparigas do teu ano
 Rapazes do teu ano
 Raparigas mais velhas da tua escola
 Rapazes mais velhos da tua escola
 Raparigas mais novas da tua escola
 Rapazes mais novos da tua escola
 Professores
 Funcionários
 Pessoas de outras escolas
 Progenitores
 Outros adultos
 Não aplicável

Se foste alvo de bullying homofóbico, com que frequência foste sujeito(a) a: *

	Muito Frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Agressão verbal (ex: insultos, piadas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Olhares intimidantes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agressão física (ex: bater, pontapear)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ser ignorado(a) ou isolado(a)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estragar ou roubar coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mexericos ou boatos (ex: dizerem coisas nas costas, por exemplo sobre a tua sexualidade)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ameaça grave à tua integridade (ex: com uma arma)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agressão sexual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por texto no telemóvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por posts na internet ou blogs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por mensagens em Messenger/ chats ou e-mail	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Já viste outras pessoas serem intimidadas, insultadas ou agredidas dessa maneira na tua escola? *

- Sim
 Não

Se sim, quem foi agredido?

(escolhe todas as que forem verdadeiras)

- Alunos/as homossexuais ou bissexuais
 Alunos/as que podiam ser homossexuais ou bissexuais
 Alunos/as heterossexuais
 Todos os alunos (heterossexuais e homossexuais)

Onde ocorreram estas situações?

(escolhe todas as que forem verdadeiras)

- Corredores
 Aula
 Recreio
 Casas de banho
 Balneários
 No pavilhão desportivo ou ginásio
 Fora da escola
 A caminho de casa
 Outros locais

Alguém presenciou essa(s) situação(ões)? *

- Sim
 Não
 Não Aplicável

Se sim, o que fizeram as pessoas que presenciaram?

(escolhe todas as que forem verdadeiras)

- Não fizeram nada
- Fugiram / tiveram medo
- Recorreram a um adulto
- Pediram ao agressor/a para parar
- Aproximaram-se para ver
- Apoiaram o agressor/a
- Aconselharam a afastar-se do agressor/a
- Riram-se da situação
- Não Aplicável
- Outra:

Se ninguém viu, contaste a alguém? *

- Sim
- Não
- Não Aplicável

Se sim, a quem contaste?

(escolhe todas as que forem verdadeiras)

- Progenitores
- Professor/a
- Psicólogo/a da escola
- Outro funcionário/a da escola
- Outro familiar
- Amigo/a da escola
- Amigo/a fora da escola
- Polícia
- Médico/a
- Alguém da tua igreja ou templo
- Não Aplicável
- Outra:

O que aconteceu ao agressor?

- Nada
- Foi repreendido/a
- Houve uma reunião com o agressor/a
- Recebeu um castigo
- Foi suspenso
- Foi expulso
- Não Aplicável
- Outra:

Quão frequentemente ouves na tua escola comentários homofóbicos, isto é, as palavras "gay" ou outras semelhantes que são usados de forma negativa ou como insultos? *

- Muito Frequentemente
- Frequentemente
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

Quão frequentemente os professores e funcionários da escola intervêm quando ouvem linguagem homofóbica? *

- Sempre
- A maior parte das vezes
- Algumas vezes
- Nunca

Quão frequentemente os alunos intervêm quando ouvem linguagem homofóbica? *

- Sempre
- A maior parte das vezes
- Algumas vezes
- Nunca

Sentes-te seguro/a na tua escola? *

- Muito Frequentemente
- Frequentemente
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

Sentes-te parte da tua escola? *

- Muito Frequentemente
- Frequentemente
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

Na tua escola, existe alguma pessoa ou associação a quem se possa falar sobre situações de bullying homofóbico? *

- Não
- Sim
- Outra:

Se quiseres responder, diz-nos se te identificas como: *

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Tenho dúvidas
- Não quero responder

Estas perguntas são sobre como te sentiste durante A SEMANA PASSADA. Por favor, lê cada pergunta atentamente. Pensa como te sentiste nesta última semana e coloca uma cruz na frase que tu penses que seja a melhor para ti. *

	Muito Frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Sentiste-te irritado/a ou nervoso/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não tiveste vontade de falar com ninguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentiste que eras capaz de lidar com as coisas que correm mal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pensaste em magoar-te	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentiste coragem para pedir ajuda a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os teus pensamentos e sentimentos fizeram-te sentir mal ou sofrer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentiste que os teus problemas eram demais para ti	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentiste dificuldade em adormecer ou ficar a dormir (a noite toda)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentiste-te triste	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fizeste todas as coisas que querias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentiste-te sozinho/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agiste sem pensar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tiveste um bom comportamento em casa e na escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tiveste muitas discussões	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fumaste tabaco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Bebeste álcool	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usaste outras substâncias/ drogas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tiveste dificuldade em concentrar-te na escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Passaste tempo com os teus amigos/as	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Divertiste-te com os teus amigos/as	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tu e os teus/ tuas amigos/as ajudaram-se uns aos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentiste que podias confiar nos teus/ tuas amigos/as	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Pensa como te sentes e coloca uma cruz na frase que tu penses que seja a melhor para ti. *

	Muito Frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Sentes que os teus pais se preocupam contigo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentes que os teus pais estão presentes quando precisas deles	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>